MAR - ABR

SOLETRAS

BIMESTRAL

Editor: Dany Wambire *Beira *Ano IX*2022*45ª edição*E-mail: revistasoletras@gmail.com

“Debater a inclusão no FLIK é de suma importância”

Índice de conteúdos

Edição dispensa de registo do GABINFO

Editorial

DANY WAMBIRE

Incluir é dar asas à imaginação

Quando nascemos, é-nos apresentada uma família, um espaço, um conjunto de pessoas com as quais passamos a interagir, uma receita de como resolver uma série de problemas que vão surgindo na relação com a natureza e com o outro, enfim, recebemos uma cultura.

A cultura ou o nosso modo de agir e de pensar passa a ser a nossa zona de conforto, que pode ser definida como a nossa tendência a fazer o que é simples, cómodo e sabido, sem pretensão de quebrar ciclos viciosos e improfícuos. Agimos assim, por um lado, porque começar algo novo ou desafiador requer autodisciplina, motivação, comprometimento e exige-nos mais energia. Por outro, porque simplesmente temos medo do diferente.

Na relação com o outro, muitas vezes, comportamo-nos da mesma maneira. Se não é da nossa cultura, o outro passa a ser estranho: crivamo-lo de adjectivos pejorativos. Discriminamos o albino, falamos mal duma pessoa gorda, magra, alta, baixinha, mulata, preta, da etnia diferente da nossa, enfim, achamos que essas pessoas retiram a normalidade ao mundo. Os adjectivos multiplicam-se quando o outro é deficiente físico: invisual, surdo, mudo, mutilado. Pior que criar condições para que essas pessoas sejam integradas, nós afastamo-nos delas, resguardamo-nos na nossa zona de conforto e o problema desaparece. Que bela ironia! Afastamo-nos tanto dos deficientes que passamos nós a ser os deficientes. O pior não é o cego não conseguir nos ver, o pior é não conseguirmos ver o cego.

No final, perdemos. Perdemos a oportunidade de aprender com o outro. Perdemos a criatividade que resultaria do encontro com o outro, da cultura diferente da nossa.

"Pela diversidade cultural, há uma multiplicidade de modos de ver, ler e interpretar e sentir as múltiplas paisagens. Logo, há também uma variadíssima gama de fontes de inspiração para escrever, cantar, pintar, esculpir, etc. A criatividade que ocorre neste processo permite a reinvenção da cidade, suas vivências, formas de concebê-la e de representá-la, formas de construí-la e requalificá-la, entre outras manifestações, que tornam a cidade multiétnica mais criativa", afirma Isaú Meneses no seu livro "Cidade da Beira e o diálogo de suas gentes" (2020).

Nós, os curadores da 5ª edição do FLIK – Festival do Livro Infantil da Kulemba, somos pela convivência multiétnica, somos pela inclusão. Defendemos isso pela necessidade de respeito e tolerância perante o diferente, bem como a necessidade de reconciliação para sarar as feridas de conflitos. Queremos exaltar a diversidade cultural enquanto um elemento de reforço do espírito de unidade nacional, identidade e riqueza social.

Sob o lema "Incluir é dar asas à imaginação", a 5ª edição do FLIK, a decorrer entre 13 e 18 de Junho de 2022, na Cidade da Beira, vai abordar a leitura e o livro enquanto elementos indispensáveis na ampliação de horizontes e consciencialização das crianças e adolescentes sobre a importância de respeitar e valorizar as diferenças entre os indivíduos ou entre as comunidades.

Fazem parte do conjunto de actividades para este festival: uma exposição de pintura inspirada na escrita de José Craveirinha e de José Saramago, por ocasião da celebração do centenário natalício dos dois autores; três concursos literários (de ilustração, de conto e declamação de poesia); lançamento de livros; conversas entre escritores e leitores; e actividades performativas (música e teatro).

À semelhança do ano passado, esta edição vai decorrer no formato híbrido (presencial e virtual), prevendo-se a participação de vários autores da CPLP, com destaque para Miguel Ouana, Pedro Seromenho, Fabíola Lopes, Ninfa Parreiras, Kátia Casimiro, Mia Couto, Pampoila, Mauro Brito e Eliana N'Zualo.

Flik

Festival do livro infantil

13 a 18 de Junho

KULEMBA 2022

Exposição de Pintura

Lançamentos de Livros

Concursos

Conversas e Palestras

Local

Casa do Artista

Livraria Fundza

Kulemba · Cornelder de Moçambique s.a. · Casa do Artista · Fundza · Fundação Fernando Leite Couto · Camões Centro Cultural Português Portugal · Soletras · Quindim · Tmcel Moçambique Telecom, SA · GFM

José Luís Peixoto lança livro de crónicas pela Fundza

José Luis Peito (à esquerda) e Dany Wambire (à direita)

TEXTO: Soletras

O mais recente livro de José Luís Peixoto é intitulado "Somos a primeira pessoa do plural". Com 101 páginas, a obra literária foi apresentada aos leitores numa cerimónia realizada no Camões - Centro Cultural Português em Maputo, neste mês de Maio, sob a chancela da Editorial Fundza.

De acordo com o escritor português, o livro de crónicas encerra uma edição muito especial, concebida com o desejo de partilhar algumas ideias importantes da sua escrita com os leitores moçambicanos, em jeito de partilha e de retribuição pelas experiências anteriores em Moçambique.

Somos a primeira pessoa do plural é um livro constituído por 20 textos. Por exemplo, "Antes de embarcar para Moçambique", "O meu lugar", "Esta é a estrada, nós somos os condutores", "A vida", "Todo o silêncio", "Gorongosa" e "Família". A oportunidade de editar estes e mais textos, na verdade, surgiu de acordo com contactos prévios e com a amizade que o escritor português mantém com Dany Wambire. "Sinto-me muito orgulhoso de lançar este livro numa editora moçambicana e, em especial, de uma editora da Beira. Penso que é muito importante que também exista dinamismo cultural fora da capital dos países. Esse é um sinal de desenvolvimento, um passo no sentido de uma desejável harmonização do território", disse José Luís Peixoto.

Nesta terceira vez em Moçambique, Peixoto reconheceu que ainda tem muito para descobrir, "mas este já não é um país desconhecido. Espero, aliás, voltar a integrar imagens e ideias de Moçambique nos meus livros futuros". Enquanto isso está por acontecer, o premiado escritor português confessou que gostava que os leitores moçambicanos encontrassem no seu livro um pouco deles próprios. "A literatura permite-nos um encontro com os outros e connosco próprios. Muitas vezes, a literatura dá-nos mesmo a oportunidade de nos encontrarmos a nós nos outros, e vice-versa", detalhou, acrescentando: "Encorajar todas as pessoas a que procurem a leitura. Essa é sempre uma forma de desenvolvimento pessoal. Com os livros aprendemos a pensar melhor o mundo, a olhar melhor para ele e, assim, a viver de uma forma mais plena".

Somos a primeira pessoa do plural foi apresentado pelo escritor Dany Wambire, para quem ao ler-se José Luís Peixoto fica-se lembrado de que "cada pessoa é a humanidade inteira, é a soma de outras pessoas. A frase que intitula este livro não podia ser a mais acertada para resumir os 20 textos que engordam o livro. José traz o seu interior, como mero pretexto, para nos fazer pensar o exterior". Nesse exercício, segundo Wambire, o escritor português transporta o leitor à infância, mostrando que ninguém escapa à viagem, no tempo ou no espaço.

Ainda na apresentação, Dany Wambire acrescentou que "a partir de membros da família, que se convertem em personagens duma história, o autor faz-nos pensar sobre inquietações de várias outras pessoas espalhadas pelo mundo. Isso se constata em quase todos os textos que, embora tenham sidos escritos em momentos diferentes, conservam a urgência e a actualidade".

José Luís Peixoto é um renomado autor português, um dos que mais se tem destacado na actualidade. Ao longo da sua carreira, já editou romance, crónicas, poesia. É Prémio Literário José Saramago e Prémio Oceanos.

Cerimónia de premiação do FLIK 2021, no Parque Nacional da Gorongosa

Uma festa literária em contínua expansão

TEXTO: Lucas Muaga

Um dos maiores sonhos do Festival do Livro Infantil da Kulemba (FLIK), organizado pela associação com o mesmo nome, é a sua expansão por todo o país, pois, no seu espírito de activismo, os curadores acreditam ser possível pensar num país onde a leitura não é um privilégio reservado a uns e outros.

O festival começou na Beira, capital de Sofala, o que, de certo modo, é já uma proeza, sobretudo diante duma situação em que muito se discute a necessidade de descentralização de actividades culturais no país. Neste sentido, um dos maiores desafios dos curadores é desenvolver acções que deixem cair por terra a ideia segundo a qual "todos os eventos só acontecem na capital Maputo".

Esta desconstrução já iniciou, na própria Sofala, visto que o festival começou a expandir-se para outros distritos. Deste modo, saiu da capital e desafiou os participantes e

não só a pensar esta província como uma área mais extensa.

Assim, nos últimos anos, a Kulemba tem organizado concursos literários destinados a estudantes de todo o país, que incluem, entre os prémios, a realização de um safari no Parque Nacional da Gorongosa, no distrito com o mesmo nome.

Nesta 5ª edição, que irá decorrer entre 13 e 18 de Junho, chegarão ao Parque Nacional da Gorongosa os primeiros classificados do prémio de declamação de poesia, destinado aos alunos do ensino secundário, do concurso de conto, para o mesmo grau, e de ilustração, que incluem o nível primário.

Os primeiros classificados ganharão livros, sendo que, no caso da ilustração, o seleccionado ilustrará o infanto-juvenil "A Revolução dos Bichos", do escritor Miguel Ouana, o patrono desta edição. Os concorrentes são desafiados a ilustrar um trecho da mesma obra. Os prémios de conto e declamação de poesia culminarão ainda com a publicação de antologias reunindo, em cada, os 10 melhores trabalhos. As declamações estarão em formato discográfico.

Uma das coisas mais interessantes, voltando aos safaris, é a aventura que se dá num dos parques mais representativos de Moçambique e da África Austral e a possibilidade de os vencedores dos concursos do FLIK viajarem com um acompanhante. Acrescenta-se ainda o facto de, conforme se presenciou ano passado, o laureado raramente ser do distrito de Gorongosa, onde está localizado o parque. Ou seja, a expansão desta festa literária infantil também pode ser pensada no sentido de atrair potenciais turistas ao parque, isto é, levar o país à Sofala.

Fora disso, o país e não só já frequentam a capital provincial por ocasião do festival. Só este ano, são esperados no FLIK mais de 20 autores da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Tudo acontecerá como na última edição, em que os participantes se fizeram a Beira por via presencial e virtual, devido às restrições causadas pela pandemia do novo coronavírus, o que carrega a ideia de o evento ser mais famoso do que pode aparentar, afinal através da internet alcança-se o mundo.

A isso alia-se ao fundamental papel da imprensa, afinal falar do Festival do Livro Infantil da Kulemba é abordar um dos eventos literários de maior atracção mediática do país.

COM SABOR A CRAVEIRINHA

Uma das coisas mais interessantes deste ano é uma abordagem prática que os curadores têm sobre a expansão do FLIK, isto é, estão em negociação com duas instituições para que o festival também aconteça fora de Sofala. Este sonho não está longe de se concretizar, pois Dany Wambire, o Director do FLIK, garantiu que a presente edição aterrará na Cidade de Maputo.

Estará na capital onde José Craveirinha, o poeta-mor de Moçambique e o primeiro africano a conquistar, em 1991, o "Camões", o prémio literário mais importante da língua portuguesa, avaliado em 100 mil euros.

O autor de obras como "Xigudo", "Babalaze das Hienas" e "Maria" é aqui chamado porque os festivais do Livro Infantil e do Livro da Beira, ambos organizados pela Kulemba, este ano, celebrarão esta que é a maior figura da poesia moçambicana e um dos nomes mais importantes da CPLP, por ocasião da passagem, a 28 de Maio, dos 100 anos do seu aniversário natalício.

Neste sentido, os poemas do concurso de declamação deverão exaltar José Craveirinha. Conversas e exposições também fazem parte do vasto programa de homenagens.

Prémios do FLIK pro-movem gosto pelas artes

TEXTO: Soletras

A fim de estimular o gosto pela leitura e pela escrita literária no país e ainda despertar a criatividade artística nas crianças e adolescentes, o FLIK 2022 lançou, em Abril, três concursos, designadamente: Literário (contos), aberto aos alunos que frequentam o ensino secundário em Moçambique (8ª a 12ª classe); de Declamação de Poesia, subordinado ao tema "Paz e reconciliação", igualmente, para alunos do ensino secundário em Moçambique (8ª a 12ª classe); e de Ilustração, para os alunos primários (1ª a 6ª classe).

No caso do primeiro concurso, Literário, cada candidato podia concorrer com apenas um texto da sua autoria, no género conto, sob um tema de sua escolha. Os textos submetidos a concurso foram avaliados por um júri idóneo constituído para o efeito.

No caso do Concurso de Declamação de Poesia, os concorrentes submeteram ao concurso um recital de um poema de José Craveirinha que versa sobre a inclusão. A gravação em vídeo não devia exceder três minutos. Os recitais foram submetidos a uma votação popular no Facebook e a uma avaliação dos membros do júri.

Por fim, os concorrentes do Concurso de Ilustração, de acordo com o regulamento publicado, foram convidados a ilustrar o texto "A revolta dos bichos", da autoria do escritor Miguel Ouana, o patrono da 5ª edição do FLIK 2022. O melhor classificado terá a possibilidade de colaborar com a Editorial Fundza na ilustração de livros infanto-juvenis.

Os vencedores dos três concursos terão prémios que incluem kits de livros, viagens com acompanhante para o Parque Nacional da Gorongosa e a possibilidade de divulgação dos seus trabalhos em livro ou em disco.

“DEBATER A INCLUSÃO NO FLIK É DE SUMA IMPORTÂNCIA”

TEXTO: José dos Remédios

Incluir é dar asas à imaginação. Por isso mesmo, a 5ª edição do Festival do Livro Infantil da Kulemba (FLIK 2022) faz da inclusão uma palavra-chave no imaginário das crianças, dos leitores, dos editores e, claro, dos escritores também. Aliás, um desses autores que julga interessante debater-se a inclusão, por ser um tema actual e de suma importância, é o patrono desta edição do FLIK, Miguel Ouana. Para o escritor, sensibilizar a sociedade a respeitar o outro e a diferença, através da arte literária, é tão urgente quanto indispensável. Nesta entrevista, complementarmente, o autor de A revolta dos bichos também explica por que considera que o país está a falhar na divulgação, realização de feiras, debates em torno do livro infanto-juvenil e, principalmente, na implementação do Plano Nacional de Acção da Leitura e Escrita.

É o patrono da quinta edição do FLIK. O que esta confiança significa para si?

Ser patrono de um festival grandioso como este do livro infantil da Kulemba significa muita coisa para mim. Mais do que confiança, trata-se do reconhecimento do trabalho que tenho vindo a desenvolver na produção do livro infanto-juvenil, no País. Por essa razão me sinto honrado e responsabilizado para continuar nesta epopeia, escrevendo livros com qualidade, que os leitores exigem e merecem.

À semelhança do ano passado, a quinta edição do FLIK promove três concursos: contos, declamação de poesia e ilustração. Quais são as vantagens que podem advir dos três prémios?

Como sabe, os três concursos giram à volta do livro, por isso, a primeira grande vantagem tem a ver com a promoção da leitura e da escrita, de modo que jovens e adolescentes passem a gostar de ler e de escrever. A outra vantagem tem a ver com a possibilidade de

emergência de novos escritores, que sairão do concurso de literatura, que consistirá na produção de contos pelos estudantes da 8ª à 12ª classe. Também prevemos o surgimento de bons declamadores, a partir do concurso de declamação de poemas, que serão de José Craveirinha, dado o facto de se estar no ano em que se celebra o seu centésimo aniversário natalício. Por último, espera-se que, com o concurso de ilustração, que terá como base um excerto do conto do patrono do FLIK, surjam bons ilustradores de livros infanto-juvenis.

No concurso de ilustração, as crianças e os adolescentes irão ilustrar um excerto do livro A revolta dos bichos. O melhor classificado do concurso poderá ilustrar o livro inteiro. O que pensa disso?

Penso ser esta uma boa iniciativa pôr os leitores a ilustrarem o livro. Seria muito gratificante tanto para mim como para o vencedor do concurso. Seria uma forma de sairmos do tradicional modelo, em que o ilustrador é escolhido a dedo pelo autor ou pela editora.

"A revolta dos bichos" convoca-nos a apreciar uma certa paisagem da natureza. O que quis fazer desta história?

Trago neste conto o conflito homem--animal bem como a necessidade da preservação do meio ambiente. Coloco o homem a devastar a floresta, podo os animais sem tecto, o que lhes cria revolta. Eles juntam-se e fazem, tal como os homens, a cerimónia de evocação dos antepassados, de modo a reporem o seu habitat, o que veio a acontecer, mas com inundações sem precedentes na aldeia dos homens. Entretanto, no fim, houve reconciliação entre as duas partes em conflito. Vale a pena ler.

Depois de dois anos difíceis, o FLIK irá combinar, nesta edição, sessões presenciais e online. Num país em que no sector da literatura infanto-juvenil há muito por fazer, como é que os autores, editores e leitores devem envolver-se para que o livro e os debates cheguem às crianças?

Vamos por partes. As editoras devem apostar na produção de livros infanto-juvenis, como uma forma de preparar os futuros leitores dos outros livros que produzem. Devem promover feiras de livros infantis e juvenis, nas escolas e em outros lugares públicos, com preços promocionais. Os autores devem ir às escolas e a essas feiras, falar com os alunos e crianças e jovens. Esta actividade implica que os escritores criem laços com o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH), de forma que o processo flua.

Os leitores devem visitar as bibliotecas, as feiras do livro e participarem em debates e palestras sobre o livro.

No passado 2 de Abril, Dia Internacional do Livro Infantil, o Vice-Ministro da Cultura e Turismo lamentou o fraco acesso ao livro infantil e ainda disse que este género está concentrado em Maputo. Em que aspectos estamos a falhar?

Aqui era importante entender o que significa fraco acesso ao livro infantil, porque as editoras têm uma diversidade de título de autores moçambicanos deste género literário. É verdade que as livrarias estão concentradas em Maputo, mas, mesmo aqui, a circulação do livro infanto-juvenil é fraca. As bibliotecas provinciais e distritais estão sob alçada do Ministério da Cultura e Turismo e julgo que elas podiam facilitar o acesso do livro às crianças.

Estamos a falhar na divulgação, realização de feiras, debates em torno do livro infanto-juvenil e, principalmente, na implementação do Plano Nacional de Acção da Leitura e Escrita. Os pais devem ser sensibilizados a envolverem-se neste grande projecto do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, que recomenda o recurso a livros de leitura complementar e obrigatória, para o desenvolvimento da capacidade de ler e de escrever, de modo que a qualidade do ensino atinja os níveis almejados por toda a sociedade.

O FLIK é o único festival do livro infantil no país. Como é que se procede para que esta iniciativa se desenvolva e alcance os seus objectivos?

Para que o FLIK alcance os seus objectivos tem realizado uma série de acções. O primeiro tem a ver com a ampla divulgação que faz sobre o evento. É só ver que o festival vai acontecer na segunda quinzena de Junho, mas já está a ser publicitado. Os incentivos, como os concursos acima referidos, são um bom cha-

mariz para a participação massiva do público. Os descontos aplicados na venda dos livros, a presença de autores bem como de editoras concorrem para o alcance do almejado.

O lema da 5ª edição do FLIK é Incluir é dar asas à imaginação. Qual é a sua opinião em relação a um festival debater a inclusão?

Sendo este um festival do livro, acho interessante debater-se a inclusão, por ser um tema actual e de suma importância, como forma de sensibilizar a sociedade a respeitar o outro mesmo que sejamos diferentes. É para isso que temos de ser criativos para contornarmos as diferenças e eliminarmos a exclusão.

Muitos dos autores que as crianças e adolescentes irão conhecer, entre 13 e 18 de Junho, não estão nos nossos manuais de Português do Ensino Básico. Quer comentar?

Causa-me alguma estranheza estar isso a acontecer, porquanto, quando eu trabalhava na Editora Escolar, a nossa maior prioridade era ter textos de autores nacionais, africanos e dos países da CPLP, por isso, não havia este tipo de questionamento. Entretanto, como já estão a surgir nos livros do Ensino Primário, alguns textos de escritores moçambicanos, é um mal menor, isso mostra que estamos, paulatinamente, a ganhar a consciência dessa necessidade e importância, pois é a partir daqui que se pode levar as crianças a irem atrás dos livros desses autores. Contudo, julgo o MINEDH deve, como entidade que define os critérios de avaliação do livro escolar, colocar como um dos requisitos o recurso a textos de autores nacionais nos livros de Português. Claro que não é para encher esses manuais com textos nossos, mas terem uma quota pré-definida.

Por que razão temos de persistir neste objectivo de levar o livro e a criatividade às crianças?

Tudo quanto tenha a ver com gosto, habilidade, capacidade, deve ser cultivado a partir da tenra idade, pois, quando isso acontece, dificilmente se consegue corrigir na fase adulta.

O que notamos como fraca qualidade de ensino, no País, resulta da falta de cultivo do hábito e gosto ler e escrever nas classes iniciais. Termino, dizendo: “De pequeno se torce o pepino.”

Beira como capital literária da CPLP

TEXTO: Lucas Muaga

O Festival do Livro Infantil da Kulemba (FLIK), na sua quarta edição, podia não ter acontecido ano passado e a culpa seria da pandemia do novo coronavírus. Entretanto, a pandemia não conseguiu parar a festa que em Junho faz da Beira capital da Província de Sofala e centro literário da CPLP.

Contrariamente, a COVID-19 desafiou a curadoria a apostar na metamorfose e nas vias alternativas. Deste modo, o FLIK aconteceu nos formatos presencial e virtual. No entanto, a nostalgia não desapareceu por completo, afinal estes encontros têm mais graça quando o abraço é físico.

Não se pode negar, ainda assim, que a internet é uma janela aberta ao mundo. Portanto, através das redes sociais da Kulemba, Fundza, "Camões" e FLIK, mais autores e leitores juntaram-se à festa literária, até porque este é dos pontos destacados por alguns par-

ticipantes, cuja aposta por plataformas como Facebook, Zoom Cloud Meeting, Whatsapp e YouTube fez deste evento mais abrangente.

Foi desta forma que, sem sair fisicamente do Brasil, a escritora Ninfa Parreiras chegou a Sofala e conversou com um grupo de alunos do Distrito de Gorongosa.

"Em plena pandemia, participar do FLIK, de modo virtual, foi um luxo", elogiou Ninfa Parreiras, que, por esta via, partilhou o mesmo barco com vários autores da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

"Poder trocar impressões com o público moçambicano sobre literatura foi uma experiência inesquecível. Ouvir sotaques da mesma língua, um ritmo bom de falas, palavras desconhecidas, impressões das crianças e jovens sobre o caminho para escola, tudo isso me aproximou do mar do Índico", acrescentou.

Contou que, embora resida no Estado brasileiro de Minas Gerais, sentiu que há um pouco dela na Gorongosa. "Ficamos tão próximos que cheguei a pensar que estávamos na mesma sala, não havia paredes, nem interferências", afirmou.

Esta aproximação, de certo modo, não é inédita, pois, já em Minas Gerais, teve a oportunidade de conviver com moçambicanos. Por isso, "estar trocando leituras e conversas é o primeiro passo para eu chegar ainda mais perto dessa nação tão linda que é Moçambique".

Quem também não precisou de se deslocar fisicamente para chegar a Beira é a cabo-verdiana Lu Breda, que, embora a sua convivência com o país tenha décadas, sente um prazer especial a cada momento de partilha de experiências com os seus pares do Índico.

Portanto, a última edição do FLIK não deixa de ocupar um lugar especial nas suas lembranças. "Foi um enorme prazer e privilégio ter participado neste enorme festival", disse logo após uma conversa com os alunos.

E porque para a autora é sempre bom abordar histórias de livros infantis em língua portuguesa, espera presenciar a quinta edição. "Que consigam um encontro presencial um dia desses", encorajou.

Por seu turno, a escritora Vania Óscar, residente na Beira, e, portanto, uma das principais anfitriãs, referiu que o FLIK expõe o melhor da literatura infanto-juvenil em língua portuguesa, embora não faltem propostas para adultos e outras expressões artísticas.

Um dos maiores méritos do festival, considerou, reside no facto deste estar sediado na Beira, fazendo desta cidade, ainda que ocasionalmente, uma capital da escrita para os mais pequenos.

"É uma iniciativa importante, bonita e pioneira, porque grande parte destas actividades acontece na capital do país, então ter um evento desta magnitude a realizar-se fora de Maputo é uma oportunidade para fazer com que o público beirense aprecie esses programas e interaja com autores locais e não só", explicou.

A autora do infanto-juvenil "A Formiga Mimi e a sombra que acabou" acha interessante a ideia de estarem a aparecer mais autores jovens e acredita que da próxima mais mulheres embarcarão nesta e outras festas.

Diário de um ser positivo

TEXTO: Funasse Zuca

Vergonha, medo da reacção da minha família, dos meus amigos e dos demais era o que eu sentia. Como explicar que eu sou seropositiva, como eles me aceitariam se eu não consigo me aceitar? Nesse instante, eu perdi a força de viver. Eu não queria acreditar. Aliás, eu não acreditava. Deixei o resultado no chão e limpei as lágrimas. Tive a decisão de apagar esse momento da minha memória. Resumindo, decidi matar-me aos poucos.

Eu não estou doente! Ninguém podia convencer-me do contrário. Eu continuaria vivendo como sempre vivia. Não contei a ninguém sobre esse possível resultado, não suportaria viver com olhares de pena e repulsa. Mas não posso negar que eu estava com medo de morrer. Ignoro esses pensamentos, um simples vírus não pode matar alguém.

A minha família não percebeu que algo me incomodava, o meu querido marido não percebeu que eu não estava bem. Com receio da sua reacção, omiti também que hoje, ainda cedo, fui ao hospital. Não queria preocupá-lo em vão, procuro amparo no colo dele. Mas ele tinha outros planos para esta noite. Confesso que fiquei com receio de manter relações sexuais com ele. Mas como rejeitaria o meu próprio marido? Ele, certamente, pensaria que eu tenho um amante.

– O que se passa contigo, mulher?

– Nada, apenas estou com dores de cabeça.

– Deixa que eu cuido disso.

Ele sorri. Deixo-me levar com o seu ânimo. E assim levei o meu marido para o fundo do poço comigo.

&

Numa manhã, senti-me fraca, ignorei os sintomas. Achando que era apenas o cansaço do trabalho, a minha contagem regressiva acabara de iniciar. Contagem regressiva de uma morte certa e lenta, se eu continuasse agindo com ignorância. Mas eu continuei ignorando, sem admitir que eu estava doente. Estava a obrigar o meu marido a passar pela mesma situação, e ele nunca me perdoaria se o tiver transmitindo este vírus maldito.

Olhei-me ao espelho, eu estava com a aparência doentia. Não querendo levantar suspeitas de que eu estava doente, procurei um médico tradicional para me ajudar ou até mesmo curar-me disto. Se os médicos não conseguiram dar-me a cura, o curandeiro fará isso por eles.

Eu não passaria a vida toda dependente de antirretrovirais. Eu vou buscar a minha cura. E, depois disso, irei aconselhar o meu marido a fazer o mesmo.

Será como tratar uma gripe!

&&

Eu encontrava-me no hospital. Tive a minha primeira e, possivelmente, a última recaída. Foi como ver a morte chegar lentamente. É uma sensação horrível. E o olhar de pena da mesma enfermeira que eu olhei com desdém no dia em que tudo começou...

– O que pretendes, minha menina?

Ela olhava-me como alguém olha uma criança ferida, e eu não era uma criança.

– O teu marido sabe que estás doente?

– Não.

– Tiveste relações sexuais com ele, durante este tempo?

Ignorei-a, era uma pergunta íntima. A minha vida particular não era problema dela. Mas eu sabia onde ela queria chegar com essa conversa.

– Não precisas responder, querida. Mas fica com o meu número. Se precisares de alguém para conversar.

Olhei-a, eu não tinha nada a perder. Com lágrimas nos olhos, coloquei tudo o que me incomodava fora. Foi como tirar um peso das minhas costas. Ela deu-me um abraço como uma mãe dá ao seu filho. Encolhi-me nos seus braços e recebi conselhos. Conselhos estes que não sei se irei segui-los, mas eu precisava segui-los. Voltei para casa ainda fraca, mas uma fraqueza aceitável.

Olhei-me ao espelho, a minha aparência não era

mais a mesma. Não me reconheço mais. Na verdade, eu já não era mais a mesma de antes. Acostumei-me a ideia da morte.

&&&

Decidi contar ao meu marido. Ele precisava saber a verdade e fazer um teste também. Tudo vai acabar bem, ele será compreensivo. Espero eu que ele seja.

Mas eu tinha um impasse que não me deixava contar: o medo. Eu não saberia como reagir, se ele soubesse que é seropositivo. O melhor é manter-me calada. O silêncio é a melhor opção.

&&&&

Estava tudo bem: eu tomava os medicamentos e fazia os rituais. Arriscava dizer que tudo estava a mil maravilhas. E eu queria compartilhar isso com alguém. Quem melhor do que o meu marido? Ignorei o meu medo e decidi desabafar com ele. Esperei ele voltar para casa e preparei um jantar especial. Apenas para deixar o clima suave. Não queria causar uma tensão entre nós. Acredito que ele também não queira causar o mesmo.

Quando ele chegou, tirei-lhe os sapatos. Recebi-o como sempre fazia. Iniciei uma conversa banal, rimos. O clima estava suave. E isso era bom. Respirei fundo, e olhei-o nos olhos. Não encontrava as palavras certas, para lhe dar a notícia. E que notícia! Ele percebeu que eu estava inquieta, e perguntou-me o que se passava.

– Fui ao hospital há um tempo atrás.

– E... Não te sentes bem?

– Pior.

– Fala logo, mulher!

– Eu testei positivo para o HIV.

Foi a pior decisão que eu tomei. Eu deveria ter ficado calada, assim teria uma casa para viver. Eu não tenho para onde ir. Ele nem sequer deu-me dinheiro. Sou orgulhosa demais para viver de favor. Encontrei abrigo num canto qualquer. Tudo culpa deste vírus maldito. Ninguém consegue viver com isto. É como se fosse uma maldição.

Eu não irei viver assim. Já que a minha morte não vem até mim, eu irei até ela. Não tenho forças para viver.

Não tenho bens. A única coisa que tenho é a minha história, a minha triste história. Espero que sirva de lição para alguém ou acabarão como eu, a sete palmos da terra, vítima de um pensamento suicida, por causa de um vírus maldito.

Sonho ou pesadelo?

TEXTO: Cynthia Garcia

Era noite. Estava eu deitada na minha cama, esperando o sono aparecer, quando ouvi gritos vindos de fora e um barulho ensurdecedor que pareceu ser um tiro. As minhas mãos ficaram geladas, as minhas pernas bambas, não consegui raciocinar o que podia ter acontecido.

Al-Shabaab. Foi a única palavra que o meu consciente conseguiu formar, porque ouvi um grito de dor e medo que reconheci logo. Era a minha mãe. Levantei entre tropeços e corri logo para a direcção do grito.

Ela estava ajoelhada com o rosto cheio de lágrimas, as mãos e as vestes ensanguentadas. Não queria acreditar no que estava diante de mim. As minhas lágrimas insistiram em sair e não demorou muito para eu começar a chorar copiosamente. Ao lado da minha mãe estava o meu pai estatelado no chão. Senti um aperto no coração. O meu mundo desabou.

Apercebendo-se da minha presença, a minha mãe levantou-se desesperada e aos choros envolveu-me em um abraço forte. Eu tentei soltar-me para junto do meu pai, mas ela não permitiu. Segurou-me no braço, arrastou-me para dentro da casa e deixou-me escondida entre os sacos de comida que tínhamos guardado no nosso peque-

no celeiro.

Desesperada e inconformada, levantei-me e fui observá-la pela janela. Ela estava a cobrir o corpo do meu pai com um lençol. O meu coração apertou-se ainda mais diante daquela cena. Sentei-me no chão com a cabeça entre as pernas e chorei. Os terroristas acabavam de matar o meu pai.

– Temos de ir, eles podem voltar. – Disse a minha mãe, que estava com o meu irmão às costas.

Eu não sabia o que dizer. Sentia medo e mal conseguia ficar em pé. Levantei-me e segurei a sua mão com força, foi o único jeito de lhe dizer que não estava sozinha.

Saímos de casa. Sempre sonhei em sair daquela casa com a minha família, mas não foi desse jeito que imaginei que fosse acontecer. Era para sairmos todos os quatro, depois de concluir os meus estudos, a trabalhar em uma mineradora. Agora estávamos só três e em uma situação deplorável.

Havia muita gente a andar ao nosso lado, e percebia-se o medo e a angústia nos seus rostos. Algumas pessoas eram conhecidas. Por exemplo, alguns vizinhos alegres e divertidos que hoje tinham a cara de poucos amigos.

De tempos a tempos, ouvi alguns rumores dos terroristas. Não eram coisas boas, falavam que eles cortavam as cabeças das pessoas, estupravam as mulheres e matavam, levavam as coisas que as pessoas tinham dentro de casa, queimavam as casas e abandonavam os locais desertos. Alguns morriam, outros conseguiam fugir para zonas mais seguras. É isso que estávamos a fazer no momento.

Como será a vida a partir de hoje, como será viver sem pai e sem a nossa casa? Será difícil, mas temos que aprender a ser fortes, agora, para conseguirmos sobreviver. Foram as coisas que pensei enquanto entrávamos na mata.

Mamã já soltou o meu braço, e anda mais devagar, agora. Ela devia estar cansada, porque passou muito tempo desde que saímos de casa. Os meus pés estavam a doer.

Ela disse para não termos medo, que as coisas iam mudar e que ela nunca nos abandonaria. Ouvir isso foi reconfortante, mas o medo não cessou. Paramos um pouco para descansar. Sentei-me no chão que estava frio e perguntei-me várias vezes o porque de isso estar a acontecer. Quando é que os terroristas deixarão de matar pessoas inocentes, qual o motivo escondido por detrás de tudo isso?

Algumas tias cozeram mandioca e repartiram com o resto do grupo. Foi lindo ver as pessoas ajudando-se no meio do caos, fez-me acreditar que há pessoas bondosas no meio de tanta maldade. A comida era pouca, mas chegou para todos comerem um pouco. Terminei o meu pedaço de mandioca e encostei-me em uma pedra para tentar descansar. Estava prestes a adormecer, quando os gritos ecoaram novamente. Aterrorizantes. Eles tinham voltado.

As pessoas ao redor, começavam a arrumar as coisas apressadas para dar tempo de escapar a mais um ataque. Eu levantei-me e fui ao encontro da minha mãe, que levava o meu irmão ao colo com uma capulana. Seguimos assim a passos largos, sem rumo, com medo. As lágrimas não paravam de escorrer pelo meu rosto. Por mais que tentasse controlar-me, eu estava com medo, medo de perder a minha mãe e o meu irmão, medo de nunca ter a chance de realizar os meus sonhos, medo de não voltar a brincar com as minhas amigas, medo de não voltar a ver a minha professora.

Os passos tornaram-se cada vez mais ágeis e largos, os gritos cessaram. Quando pensei que tinha escapado dos terroristas, mais uma vez, eles aparecem e as pessoas correm, as mulheres choram copiosamente, eu sinto as minhas pernas falharem, procuro a minha mãe com os olhos e ela não está em nenhum lugar. As lágrimas não param.

– Não, nãããoooo.

Os gritos insistem em sair assim que vejo um homem agarrar a minha mãe pelo braço, ele leva consigo uma faca no cós da calça e um lenço vermelho na cabeça. O meu corpo decidiu agir com um desmaio.

Acordei assustada, olhando as paredes e o tecto, reconhecendo o meu quarto imediatamente, e descobrindo que tudo não passou de um pesadelo. O meu pesadelo é a realidade de muitas meninas da minha idade. Pensei, por alguns segundos, e decidi o que queria ser quando crescer: advogada, para defender todas as mulheres, adolescentes e crianças vítimas da violência doméstica, que são estupradas. Esse é o meu maior sonho, a partir de agora, e não vou desistir enquanto não o realizar. Não terei medo de lutar por esse sonho em nenhum momento da minha vida.

Ajoelhei-me e pus-me a rezar. Fiz um sinal da cruz e comecei:

– Papai do céu, ainda preciso de entender qual é o lado positivo de ter terroristas no país. Talvez, algum dia, eu entenda isso. Acabei de ter um pesadelo, mas, pensando bem, não foi um pesadelo, foi algo diferente, pois ajudou-me a ter um sonho e a estar determinada a realizá-lo. Peço que proteja a todas as famílias que estão em Cabo Delgado, que lhes dê abrigo, comida e amor sempre que elas precisarem. Peço que não deixe os sonhos dessas pessoas morrerem, regue as terras de Cabo Delgado para que se tornem férteis. Peço que conforte os que estão de luto, e dê mais esperança a todos eles, não só a Cabo Delgado e Moçam-

bique, mas também a todos os países onde a guerra não quer parar. Pai, conforte as mulheres viúvas e as mulheres estupradas, ampare os órfãos e cuide dos que continuam lutando contra os terroristas. Peço também que não deixe de unir Cabo Delgado ao país. Não sei o que fazer para ajudar. Agora, prometo não desistir de ajudar os outros e não desistir dos meus sonhos. Torne-nos cada vez mais fortes para lidar com as situações difíceis, e permita que vivamos da forma que quer. Espero poder ajudar em breve.

Rapaz ambulante

TEXTO: Micaela Sandoca

"A vida é como uma corrida de estafeta"

— Vou-me embora. Aqui não há dinheiro.

No pestanejar do Zambeze e no reluzir do sol se fazendo menina era onde viviam os homens com propósitos. Ao frio que lhes veste em todas as madrugadas, é na alvorada que se vêem homens de casa. Havia por lá um rapaz que não conhecia bem as moedas. No entanto, tinha a ambição de ir viver na cidade para trabalhar duro e ganhar dinheiro.

— Tenho de levar o meu peixe para vender lá na cidade.

O Yossefe queria tanto fazer o seu negócio na cidade, pois via que no campo não lhe rendia ter dinheiro, apesar dos seus amigos terem construído palhotas e terem comprado motorizadas com um motor já acabado. O dia não tarda a chegar e a noite sempre é miúda. Numa Hunter, pedalava em conformidade, como se estivesse a graduar a terra com aquelas rodas que não deixavam nenhuma marca por onde passasse.

— Peixe aqui...! — Gritava nas ruelas da cidade.

O Yossefe tinha uma voz que despertava atenção de muita gente e falava português com má condução. Isto foi o que fez com que as pessoas corressem até ele. Na traseira da sua bicicleta, amarrava um pequeno fardo que levara na sua terra natal. Ele quase desenhava toda a cidade, passando bem pelo Bairro Francisco Manyanga, Avenida Julius Nyerere, Bairro Josina Machel até ao Bairro Matundo e vice-versa. Na verdade, estava sendo muito conhecido, não pelo nome, porque ninguém conhecia o seu nome, mas por Rapaz Ambulante de Peixe.

O Yossefe, na verdade, abastecia muitos bairros. O que mais despertava atenção às pessoas era a matrícula da sua bicicleta, que estava escrita em letras bem visíveis: KTN02, que significava kuwona thupi ni nyongo. O rapaz nomadizava o mercado, os seus clientes só tinham que esperar por ele caso passasse por lá.

O Yossefe acreditava que o seu Avô Cabena falava com o vento, porque em todas as manhãs ia ajoelhar na montanha, pela família. Ele costumava dizer:

— Nós somos a cidade que vendemos na pobreza.

O que lhe podia rodear era tanto que já não conversava correctamente com o seu passado. O Yossefe se impressionava com aquele horizonte de ver o sol a nascer sobre os prédios, com o barulho das viaturas nas noites e na madrugada, com o cheiro da fritura e com o descalçar da sobrevivência nas noites. Tudo aquilo parecia-lhe grandioso.

Contudo, pensava que estivesse a fugir do seu ventre. Quem vive na cidade deve carregar a mata consigo. O Rapaz Ambulante começou, na verdade, a ser ambulante. Parecia que as pessoas, que tanto lhe compravam o peixe, já não o conheciam. Eles se ajuntavam em multidão somente para lhe ouvir a falar. A cidade é o único lugar onde existe muita mata. Quando insistia em ir morar na cidade, o seu tio Fevereiro lhe dizia:

— Yo, viver na cidade? É preciso ir atrás de matas para a tornar cidade.

— Tio Feve, lá está cheio de trocos. — Respondia

sem entusiasmo.

Porém, começava a ver a vida rodeada de luxo, que tanto dava era um gasto. Aquela sua ideia de despertar com o ruído do carro seria melancólica. Depois, lá tudo tinha de comprar, até o fogo para acender.

— Peixes, aqui, tsomba!

Nenhum sinal de troco no seu bolso. A cidade era o que se via. Na verdade, tudo aquilo era uma mata, onde todos amuletavam os seus negócios somente para roubar o esforço de quem trabalhava duro. O Yossefe começara a passar fases em que a sua sola de sapato se descolava de tanta maldade e avareza que pisava nos caminhos. Não se vive nas cidades só de dinheiro. E o Yossefe já havia gasto quase o que lucrava nas ruelas. Ele deixou de estar na cidade e a cidade começou a estar nele. O caracol não abandona a sua concha. O KTN02 tinha voltado ao seu ventre. Como sempre, ficou de novo ambulante do Zambeze.

“O FLIK deu-me uma nova família”

Cynthia Garcia (esquerda), Funasse Zuca (centro) e Micaela Sandoca (direita)

TEXTO: José dos Remédios

Quando Micaela Sandoca concorreu ao Concurso Literário FLIK 2021, ano passado, tinha 17 anos de idade. Nessa altura, frequentava a 12ª classe, na Escola Secundária Heróis Moçambicanos e, fazendo uso do seu poder criativo, escreveu a história “Rapaz ambulante”. Essa narrativa, na verdade, valeu à menina de Tete a terceira classificação no concurso. No entanto, mais do que um prémio, o que mais marcou à pequena autora foi a possibilidade que teve de ampliar o número de pessoas por quem comunga do mesmo afecto. “O FLIK deu-me uma nova família: as minhas colegas que estiveram no Concurso de Declamação de Poesia e Literário”.

Para a menina que hoje tem 18 anos de idade e que se encontra a tirar um pequeno curso em Secretariado e Administração de Escritórios, enquanto aguarda para concorrer à universidade, próximo ano, poder conhecer novas pessoas, por causa da arte literária, foi especial. Claro, isso deu sentido ao prémio, pois, de outra forma, não teria com quem partilhar os seus textos que antes apenas limitavam-se a empoleirar as gavetas de casa. Com essa nova família, as coisas mudaram e ainda bem: “Quando escrevo os meus textos, agora, tenho a quem mostrar e a quem pedir ajuda. Antes, não tinha com quem partilhar. Apenas escrevia”.

Também por isso, a experiência de participar no FLIK 2021 foi transformadora, pois teve a grande oportunidade de se mostrar aos leitores – o texto de Micaela Sandoca está publicado no livro O romper da aurora (Fundza – 2021). Sem receios. Além disso, Micaela Sandoca, menina simpática, de riso fácil, confessou que, por causa da literatura, teve a possibilidade de conhecer o Parque Nacional da Gorongosa, que, antes, só via nos livros. A aventura que fez na companhia do irmão mais velho foi tão marcante que superou o fascínio de ver tantos bichos juntos. O safari em Gorongosa foi a cereja em cima de um bolo delicioso. Mas teve mais. Por exemplo, um kit de livros. “Eu nunca tinha pensado em ganhar livros de Mia Couto e de outros escritores. Isso significou muito para mim”.

Quase um ano depois, a memória do FLIK e das suas experiências continuam bem presentes em Micaela Sandoca. Aliás, a aventura ao Parque Nacional da Gorongosa está a ser útil para o actual processo criativo da pequena escritora de Moatize. E houve uma lição: “O FLIK mostrou-me que o meu esforço e o meu compromisso pela escrita podem-me garantir excelentes resultados um dia”.

Pensando nas lições e na família que ganhou em Gorongosa, Micaela Sandoca partilha que continua a escrever e a ler, e recomenda: “Que o FLIK não deixe de incentivar às crianças e aos adolescentes a participar em futuras edições”.

Micaela Sandoca começou a escrever aos 14 anos de idade, quando se encontrava na 9ª classe, sem que o pai fizesse ideia disso. Quando soube que a filha, afinal, tinha iniciado um percurso literário, e já com uma terceira classificação no FLIK, ficou agradavelmente surpreendido. E o meu pai disse-me que o que escrevemos pode nos ajudar”.

“O FLIK ensinou-me que é possível voar sem asas”, confessa Cynthia Garcia.

“Sonho ou pesadelo” é o título do conto que, ano passado, permitiu à Cynthia Garcia ser a segunda classificada no Concurso Literário FLIK 2021. Essa é uma história intensa, sobre os dramas do terrorismo em Cabo Delgado, uma história verosímil que retrata o medo e o caos ao mesmo tempo que ficciona eventuais significados da palavra terror no quotidiano das populações humildes.

Pensando na repercussão da sua história e no que a permitiu, Cynthia Garcia considera: “eu diria que a minha participação no FLIK foi tão especial quanto poderia ser”. Sem hesitar, a menina que participou no concurso quando tinha 16 anos de idade revelou que graças à iniciativa da Associação Kulemba aprendeu “que é possível voar sem asas e escalar grandes montanhas sem ter pernas”. No entanto, o seu principal objectivo, ao submeter o texto “Sonho ou pesadelo”, longe de ganhar o prémio, era o de saber se se encontrava no caminho certo, no que à escrita literária diz respeito.

A resposta à questão que Cynthia Garcia se colocou, felizmente, surgiu em dose dupla. Na verdade, a menina que vive na Cidade da Beira não só distinguiu-se no Concurso Literário FLIK 2021, bem como ficou em quarto lugar no Concurso de Declamação de Poesia. “Eu costumo dizer que o FLIK me deu asas para poder mostrar e espalhar poesia e contos em qualquer lugar. Além de realizar o meu sonho, fez-me sonhar mais alto e mostrou-me o caminho que eu devo percorrer”. Também por isso, Cynthia Garcia adiciona: “Eu acho que é uma grande oportunidade que a Associação Kulemba nos disponibiliza. Então, todos devemos aproveitar essa porta aberta para mostrar os nossos talentos e espelhar coisas boas para outras crianças”.

Entre a arte narrativa e da declamação, Cynthia Garcia – que, à semelhança de outros melhores classificados, teve a oportunidade de visitar o Parque Nacional da Gorongosa – vai trilhando o seu caminho, perseguindo o sonho de ser escritora ao mesmo tempo que se vai construindo no Ensino Secundário Geral. Actualmente, aos 17 anos de idade, frequenta a 12ª classe, na Escola João XXIII, na Cidade da Beira.

A relação da menina de 17 anos com a literatura inicia em casa. “Os meus pais sempre me ofereceram livros”. E assim, surgiu o sonho de querer ser escritora, afinal: “Escrever, para mim, é como respirar. Não é preciso gostar para fazer. É preciso fazer para viver”.

Aida Alves, Directora da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, em Braga, fala da parceria com o FLIK

Participar num festival literário é uma excelente oportunidade para os autores divulgarem os seus livros e estarem em contacto directo com os leitores.

Estes eventos tornam-se tão mais importantes quando estamos a contactar com crianças em processo de aquisição emergente do texto literário e da linguagem visual (ilustrações). O contacto entre autores e público gera uma troca de experiências de produção escrita e de leitura. Envolve uma comunicação criativa e dinâmica, onde a reflexão e imaginação não deve ter fronteiras.

Nos festivais literários interessa promover uma troca também de afectos e emoções, deixando aberta a curiosidade para conhecer mais obras e universos dos escritores. Uma biblioteca de leitura pública tem como missão principal promover a língua, a literatura e a cultura portuguesas em diferentes espaços e contextos de acção, juntamente com os seus parceiros, numa política cooperativa cultural.

A Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva (Braga, Portugal) teve sempre um papel activo na promoção de autores nacionais e principalmente do seu concelho. Por isso será um prazer colaborar no festival do livro infantil FLIK, que decorrerá em Kulemba em 2022, através da presença de escritores de Braga, embaixadores da nossa literatura portuguesa. Estes assumem o importante papel de escrever para crianças e jovens, de serem verdadeiros educadores no processo de comunicação e de transformação, é o que uma biblioteca promove também.

Flik

Festival do livro infantil

13 a 18 de Junho

KULEMBA 2022

Autores Confirmados

Miguel Ouana

(Patrono)

Andreia da Silva

Benjamim João

Cleyde Pamela

Eliana N`Zualo

Ernesto Moamba

Fabíola Lopes

Geremias Mendoso

João Baptísta

Kátia Casimiro

Mauro Brito

Rizon Vealzinho

Miguel Luis

Ninfa Parreiras

Pedro Seromenho

Vânia Óscar

Venâncio Calisto

Local

Casa do Artista

Livraria Fundza

Cornelder de Moçambique s.a. · Kulemba · Casa do Artista · Fundza · Fundação Fernando Leite Couto · Camões Centro Cultural Português Portugal · Soletras · Quindim · Kuvaninha · tmcel Moçambique Telecom, SA · GFM

FLIK

Festival do livro infantil

13 a 18 de Junho

KULEMBA 2022

Programa

Data/Hora	Actividade	Local
13 de Junho		
14:00	Chegada dos convidados	Casa do Artista
14:05 – 14:35	Exposição de pintura	Casa do Artista
14:40 – 14:55	Sessão de declamação de poesia com os meninos da Kulemba	Casa do Artista
15:00 – 15:15	Declamação de poesia com Associação Visão do Alto	Casa do Artista
15:20 – 15:20	Intervenção do coordenador do festival	Casa do Artista
15:30 – 15:50	Lançamento do audiobook "Água e Águia" de Mia Couto	Online (Fundação Fernando Leite Couto)
15:55 – 16:05	Intervenção do patrono do FLIK 2022	Casa do Artista
16:10 – 16:20	Intervenção do Presidente do Município da Beira	Casa do Artista
16:25 – 16:35	Abertura oficial do FLIK 2022 pelo Governador da Província de Sofala	Casa do Artista
16:40 – 17:00	Música com Rizon Vealzinho e Edna	Casa do Artista
14 de Junho		
08:00 – 10:00	Conversa de Vânia Óscar e Eliana N'Zualo com alunos da EPC de Mutondo	Escola de Mutondo
14:00 – 15:00	Sessão de leitura de contos tradicionais com Eliana N'Zualo	Casa do Artista
16:00 – 17:00	Hora do conto	Casa do Artista
15 de Junho		
08:00 – 10:00	Conversa de Miguel Ouana com alunos da EPC – Macombe	Munhava
14:00 – 14:45	Lançamento do livro de Venâncio Calisto	Zoom (Casa do Artista)
15:00 – 15:45	Conversa com Ninfa Parreiras e Vânia Óscar	Zoom (Casa do Artista)
16:00 – 16:35	Sessão de leitura do livro "A minha Quarentena"	Casa do Artista
16:40 – 17:00	Sarau do Quintal da Língua Portuguesa	Casa do Artista

Data/Hora	Actividade	Local
16 de Junho		
08:00 – 10:00	Conversa de Andreia da Silva e Ernesto Moamba com alunos da Escola Nova Chamba	Manga
14:30 – 15:30	Workshop de Fabíola Lopes com alunos do ensino secundário	Zoom (Casa do Artista)
15:40 – 16:10	Lançamento do livro de Tânia Pereira	Infra-estruturas verdes
16:15 – 16:45	Espectáculo TP50	Casa do Artista
17:10 – 17:45	Sessão de autógrafos com Miguel Ouana	Livraria Fundza
17 de Junho		
08:00 – 10:00	Conversa de Benjamim João, Geremias Mendoso e Cleyde Pamela com alunos da EPC dos Pioneiros	EPC dos Pioneiros
14:00 – 15:00	Conversa com Miguel Luís e Geremias Mendoso	Zoom (Casa do Artista)
15:00 – 16:00	Conversa com Benjamim João e Kátia Casimiro	Casa do Artista
16:00 – 17:00	Conversa com Mauro Brito e Pedro Seromenho	Zoom (Casa do artista)
18 de Junho		
09:00 – 11:00	Oficina de sacolas de papelão com Cleyde Pamela	Casa do Artista
10:00 – 11:00	Lançamentos dos livros de Andreia da Silva e Ernesto Moamba	Casa do Artista
11:05 - 11:10	Anúncio dos vencedores do Concurso de declamação de poesia	Casa do Artista
11:15 - 11:20	Anúncio dos vencedores do Concurso Literário FLIK 2022	Casa do Artista
11:25 - 11:30	Anúncio dos vencedores do Concurso de Ilustração	Casa do Artista
11:35 – 11:50	Música com Rizon Vealzinho e Edna	Casa do Artista
11:55 - 12:00	Encerramento do festival	Casa do Artista